



A Amazônia é hoje um campo de batalha de dois modelos de desenvolvimento: entre a exploração de suas riquezas naturais e as experiências de desenvolvimento sustentável, a floresta expõe seus paradoxos

NASCIMENTO DA FLORESTANIA

José Varella 15.12.96



Em Laranjal do Jari, que tem 28 mil habitantes, o empobrecimento da população é visível: crianças brincam e tomam banho nas águas imundas sob as palafitas

# Contradições na selva

Marcos Savini  
 Enviado especial

**L**aranjal do Jari — Jari é uma variação da palavra indígena airi. Significa "rio da castanha". Era em algumas das matas próximas às margens desse rio que o jovem extrativista Sebastião Braz Araújo Castelo costumava encontrar os melhores castanhais da região. Ainda hoje, caminhando por estradas cercadas por fileiras sem fim de eucaliptos, ele é capaz de apontar onde costumava coletar as tais castanhas.

Nas últimas três décadas, Jari virou sinônimo do megaprojeto de produção de celulose e mineração de bauxita criado pelo bilionário norte-americano Daniel Ludwig na década de 70, com o apoio dos governos militares. Em seus primeiros anos, era o sonho amazônico de Ludwig e a esperança de uma vida melhor para a população de nordestinos e nortistas que foram para lá em busca de trabalho. Eram 1,6 milhão de hectares divididos entre o Pará e o Amapá.

Hoje, o projeto perdeu tama-

inho e passou para 180 mil hectares, tornando-se um pesadelo financeiro e social. Controlado pelo grupo mineiro Caemi, está sendo vendido para o consórcio Orsa — que assumirá uma dívida de US\$ 70 milhões.

Nos últimos anos, para driblar a dívida, grande parte dos serviços foram terceirizados, causando o achatamento salarial da população que trabalha em torno da produção da celulose e da extração do caulim e da bauxita. "Nos tempos do Ludwig era diferente, a gente ganhava mais", conta o paraense Manoel Rodrigues, que foi para Laranjal do Jari há dez anos para trabalhar no projeto e hoje vive como motorista de táxi.

O empobrecimento da população de Laranjal do Jari, cidade operária com 28 mil pessoas às margens do rio, é visível por todo lado. Especialmente nas crianças, que brincam e tomam banho nas águas imundas sob as palafitas. O prefeito foi afastado por corrupção e o governo estadual chegou mesmo a transformar quatro boa-

tes de prostituição em escolas. Para Sebastião Braz, hoje um dos principais líderes extrativistas do sul do Amapá, não existe solução para o Jari: "Esse projeto é falido; o americano levou daqui o que podia e deixou uma depredação muito grande".

que construir a hidrelétrica de Cachoeira de Santo Antônio".

Mas, do outro lado do rio, na Reserva do Cajari, famílias de extrativistas que já tiveram suas casas derrubadas por funcionários do Projeto Jari não querem nem saber da hidrelétrica. Eles tentam provar que é possível desenvolver a economia da região sem prejudicar a floresta.

Metade da reserva, criada em 1990 pelo presidente José Sarney, está em

terras que serviam para a criação de búfalos do Projeto Jari. Ali, cerca de 500 famílias, pouco mais de 3 mil pessoas, vivem espalhadas em pequenas vilas ou em casinhas isoladas nas beiras dos rios.

Nas áreas ribeirinhas ou alagadas, elas pescam camarão e coletam açaí. Nas terras altas, a principal atividade é a da castanha, comprada pela Associação dos Trabalhadores Extrativistas do Rio

Cajari (Astex) e exportada para os Estados Unidos e países europeus.

Em Conceição do Muriacá está instalada a fábrica de palmito de açaí, vendido para vários estados brasileiros. Os palmitos passam por corte seletivo. Em 1998, a produção foi de seis toneladas; em 1999, de 20 toneladas.

Na maior vila da reserva, Santa Clara do Cajari, a nova safra de castanha, cuja temporada de coleta começa agora, será pela primeira vez beneficiada pelos próprios extrativistas, em uma usina recém-inaugurada.

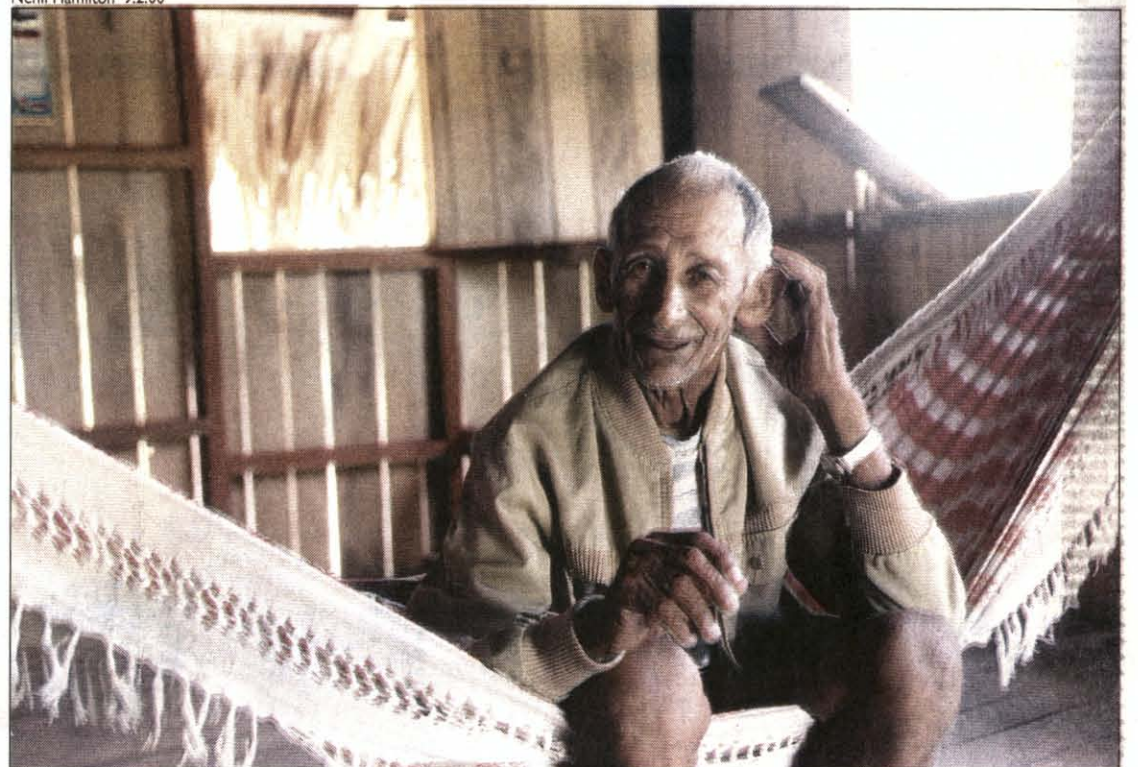
Para chegar a tal nível de organização, os extrativistas reunidos na Astex receberam investimentos de R\$ 1,6 milhão ao longo de quatro anos. A maior parte do dinheiro vem de doações internacionais canalizadas pelo Projeto Reservas Extrativistas (Resex) do Ministério do Meio Ambiente. "Hoje, a própria população nos avisa quando algum dos 50 madeireiros que estão do outro lado do rio, no Pará, tenta entrar na reserva", conta José Carlos Carvalho, fiscal do Ibama e gerente do Resex.

"ESSE PROJETO (JARI) É FALIDO; O AMERICANO LEVOU DAQUI O QUE PODIA E DEIXOU UMA DEPREDÇÃO MUITO GRANDE"

Sebastião Braz, líder extrativista

A ineficiência do projeto tem uma explicação simples. Como funciona por energia termoelétrica, os custos são altos — inclusive para a floresta, cuja madeira é utilizada também como combustível. A manutenção é cara, e consome quase toda a receita gerada pelo que é produzido e exportado pelo projeto. A solução, para o deputado amapaense Benedito Dias (PPB), é óbvia: "Tem

Nehil Hamilton 9.2.00



O seringueiro Pedro Julião, que trocou a Paraíba pelo Acre em 1942: "Nunca mais soube de minha mãe"

## Tecnologia em meio à miséria

Cristina Ávila  
 Enviada especial

**Rio Branco** — A maioria dos 6 mil habitantes da Reserva Extrativista do Alto Juruá, no extremo acreano, fronteira com o Peru, não conhece a modernidade. A área de fronteira que tem 5 mil quilômetros quadrados de terras da União cedidos para usufruto de seringueiros é um dos lugares mais pobres do Acre. Lá ainda funciona o escambo — sistema de troca de mercadorias sem uso da moeda. Mas a vida de abandono contrasta com projetos pilotos de comunidades sustentáveis, que experimentam novas tecnologias de beneficiamento da borracha.

Os franceses, por exemplo, estão usando a moda do Alto Juruá. A Hermès Sellier, fabricante internacional de acessórios, importa couro vegetal da reserva. A exportadora é a empresária Maria Beatriz Saldanha, 36 anos, que investiu R\$ 2 milhões em pesquisas durante três anos, para aperfeiçoar a técnica dos seringueiros. Conseguiu vulcanizar o produto de modo artesanal, sem necessidade de energia elétrica. A vulcanização é im-

portante para que a borracha não derreta com o calor do sol. Os seringueiros tradicionalmente fabricam sacos impermeáveis que usam como bolsa.

A Couro Vegetal da Amazônia S.A., empresa de Beatriz Saldanha, vendeu 150 mil peças desde 1991. Elas são confeccionadas no Rio de Janeiro e exportadas também para os Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha. "A produção começou a dar lucro no ano passado. Quero mostrar que se pode associar idealismo com negócios bem sucedidos", afirma a empresária, uma das fundadoras do Partido Verde no Rio.

Além dos seringueiros da reserva, o couro vegetal está sendo produzido por 60 índios kaxinawá, do município de Jordão, e por 150 moradores da Floresta Nacional Mapiá Inauni, no Amazonas. Eles recebem rendimentos por meio de contas bancárias.

O secretário de Extrativismo do Acre, Carlos Vicente, diz que a produção deverá se transformar em programa de governo. "Já tem mercado e está comprovado que é viável, inclusive socialmente. Pretendemos ampliá-la para outras comunida-

des." Ele cita ainda que a Fundação Osvaldo Cruz está enviando técnicos para estudar a criação de uma fábrica de preservativos no estado.

Outra experiência que deverá se transformar em programa de governo no Acre é o projeto desenvolvido pela Universidade de Brasília (UnB) na Reserva Extrativista do Alto Juruá. A UnB está produzindo borracha em pequenas unidades de produção familiar, com defumação química.

É o "neo-extrativismo", como define o secretário de Produção,

José Fernandes do Rego. "O extrativismo não é apenas atividade econômica, mas sobretudo um modo de vida. Pode incorporar tecnologia moderna, formando consciência de comunidades empreendedoras."

Essa realidade contrasta com a região. Os seringueiros são explorados pelos comerciantes, que ganham na compra da borracha e castanha por preços baixos e na venda de alimentos por preços muito superiores à cidade. O dinheiro quase nunca aparece nessas transações. Uma la-

ta de leite em pó pode custar 12 quilos de borracha bruta.

Quase como no tempo do soldado da borracha Pedro Francisco Julião, 94 anos. Ele chegou ao Acre em 1942, depois de alistado pelo Ministério do Trabalho. "Os patrões iam daqui pegar gente pra botar nos seringaais." Depois que chegou, nunca mais teve dinheiro para visitar a Paraíba, onde deixou a família. "Escrevi cartas, e não tive resposta. Nunca mais soube de minha mãe", lamenta o velho seringueiro.

**LEIA AMANHÃ:** Pesquisador da UnB desenvolveu, e levou para a selva, tecnologia para beneficiar borracha